

NOTÍCIAS DE



CAMPELO



ANO III N.º 29
OUTUBRO DE 1964

Director e Editor
Manuel Luís

Propriedade
da Igreja Paroquial

Composição e Impressão
Gráfica de Coimbra

Amor do Próximo

Jesus disse: Amareis vosso próximo como a vós mesmos. Tendes ouvido dizer: Amai vosso próximo e aborrecei vossos inimigos; e eu vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, rogai pelos que vos perseguem e vos caluniam, para que sejais filhos de vosso Pai que está no Céu e que faz levantar o seu sol sobre os bons e sobre os maus, cair a chuva sobre os justos e sobre os pecadores. Fazei aos outros aquilo que quereis que eles vos façam.

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado.

Na véspera da sua morte, Jesus recomendou instantaneamente aos seus Discípulos que se amassem uns aos outros como Ele os tinha amado.

Nosso Senhor deu-nos sempre altíssimos exemplos de amor para com o próximo, saciando os que tinham fome, dando vista aos olhos apagados dos ceguinhos, curando os aleijados, arrancando-os do seu catre de miséria, abençoando as criancinhas dando fala aos mudos e ouvido aos surdos, e no alto do Calvário pediu perdão e indulgência para os seus próprios algozes.

Missionários

Nos navios, que partem, vão também Missionários de Deus, por sobre o mar, Nas mãos erguendo até morrer, por bem, Em vez de espadas, contos de rezar.

Sentem no coração a voz de Além, Levam a luz do Céu a arder no olhar, Talvez não voltem mais! Talvez ninguém Os torne a ver, alguma vez, voltar...

Florestas, solidões, areais distantes Serão, agora e sempre como dantes, Os seus caminhos de holocausto e amor!

Cintila no seu verbo a Estrela de Alva, Cavaleiros da Cruz, a Cruz os salva, E neles Portugal se faz maior!

P.º Moreira das Neves

PARA TI... ...QUE VAIS PARA A «TROPA»

É sempre com um certo alvoroço interior, que procuramos saber qual Unidade para que somos chamados, quando da nossa incorporação. Há sempre alguma lágrima que teimosamente rola pelas faces, quando, junto da camioneta que nos levará ao Quartel, nos despedimos dos nossos familiares e amigos. Isto é o introito da vida de um soldado. Mas... Quantos irão preparados para essa nova vida? Quantos não se deixarão influenciar pelas más companhias? Quantos, em vez de se formarem corporal e espiritualmente, se deformam?

É necessário que tu jovem, que irás em breve para «essa vida» e que por lá te manterás durante algum tempo, vás preparado para enfrentares o inimigo. Não me refiro aqui aos inimigos da Pátria, pois para te defenderes desses, ensinar-te-ão a manejar uma arma. Refiro-me sim, aos inimigos da alma; pois estes é difícil distingui-los dos amigos, porque: «são lobos vestidos com peles de cordeiro».

Tu, na tua terra, todos os domingos ias à missa; pelo facto de ires para a tropa não estás dispensado dos teus deveres religiosos. Eu sei, que este ou aquele dirão isto ou aquilo, quando cumprires esses mesmos deveres, mas cumprirão eles (os que falam) os seus? Serão melhores do que tu? Tenho a certeza que não. Portanto não

desanimes; vais precisar de coragem para cumprires integralmente os teus deveres, por isso mesmo prepara-te convenientemente e lembra-te que: «o que custa é que vale».

Não deixes jamais de praticar a oração; esta e a fé serão as tuas armas e com elas vencerás todos os inimigos da tua alma, porque Cristo estará contigo. Reza pois, faz da tua vida uma contínua oração ao Senhor.

Cumpra sempre as tuas obrigações, executa o melhor que puderes e souberes as ordens que te derem, sê enfim um soldado exemplar, na verdadeira acepção da palavra, para que ao terminares o teu serviço militar possas dizer, com convicção e alegria, cumpri o meu dever!

Procura manter sempre bem viva a chama da tua fé dentro do teu coração e da tua alma. Alguém me disse um dia: «A fé é um guia que nos traça um caminho seguro através das sombras deste mundo». Eu jamais esqueci este pensamento admirável.

Poder-te-ia dizer muito mais, mas o espaço é limitado. Medita um pouco nestas modestas palavras e acredita que foram escritas pensando em ti e que me baseei nalguma experiência que tenho.

Ilha do Sal, 24 de Setembro de 1964

José da Conceição Barata Salgueiro

M
Ã
E

Mãe... Eu sei qu'após um grande sofrimento,
Em que a dor e a alegria se fundiram,
Me deste a «luz»... Mãe, em idvinal momento,
Em que de ti todas as dores partiram...

Eu sei que por mim choraste e padeceste,
Durante uma vida de constante amapio,
Eu sei, eu adivinho o que sofreste,
Sem um único «ai», sem um reparo...

Eu sei tudo isto e não esqueço mais,
Que obra sublime é só a dos pais.
Que vivem para os filhos, a quem tudo dão...

NOTA DO MÊS

Em toda a parte, nesta altura do ano, tanto em Portugal como no estrangeiro, aparecem incêndios de origem mais que suspeita.

A denúncia dos criminosos de tão nefandos actos torna-se necessária. Tal denúncia é apenas defesa da sociedade contra indivíduos que a trazem em sobressalto.

Atear um incêndio é desencadear uma desgraça terrível que o próprio não consegue depois dominar, vencer; é uma cobardia em que o criminoso recusa assumir as responsabilidades decorrentes de tais actos; é uma injustiça que priva de seus lares e bens pessoas que nada têm a ver com o autor de semelhantes provocações; é uma inconsciência porque é impossível

Incendiários

vel determinar ou circunscrever as consequências do fogo posto.

Do ponto de vista moral é um pecado, e um pecado reservado, em virtude da sua gravidade; do ponto de vista humano não passa de uma desumanidade, de que a sociedade tem obrigação de defender-se.

Difícilmente o crime terá atenuantes porque, ao preparar-se, há tempo de lhe medir a maldade e de sopesar as consequências. Raramente este crime se cometerá de improviso.

Colaborar no crime, activamente ou pelo silêncio, é de igual modo recair sob a alçada da Justiça que neste capítulo não poderá ter a mão leve.

A denúncia, neste particular, é um movimento legítimo de auto-defesa porque ninguém estará seguro de que não virá a sofrer-lhe os riscos e as consequências. Nem será falta de caridade porque para poupar criminosos corremos o perigo de sacrificar inocentes, e estes, moral e socialmente, valem mais que aqueles.

O bem-estar da sociedade não pode estar dependente de criminosos sem escrúpulos.

(Da «Voz de Penela»)

BOLETIM DA FAMÍLIA PAROQUIAL DE CAMPELO

16 DEZ. 1964

DEP. LEG.

* No dia 15 de Setembro foi baptizado na Igreja Paroquial de Campelo Nelson Lourenço Dias, filho do Sr. Alberto Pinheiro Dias e da Sr.a D. Olinda Maria Lourenço, da Ponte Fundeira, tendo sido padrinho o Sr. Marcolino Alves Lourenço e madrinha a sua Ex.ma Esposa.

* No dia 2 de Outubro faleceu em Cernache do Bonjardim a Sr.a Deolinda dos Santos, viúva do Sr. Joaquim Simões Júnior e mãe muito estremosa da Sr.a D. Lucília, já falecida, e da S.a D. Celeste, casada com o Sr. Virgílio Henriques de Abreu, considerado comerciante em Cernache e do Sr. Manuel Simões Júnior, casado com a Sr.a D. Patrícia dos Santos, do Fontão Fundeiro.

O funeral que constituiu uma verdadeira e grandiosa manifestação de pesar, foi realizado de Cernache para o Cemitério de Campelo, onde o cadáver ficou depositado em jazigo de família.

Os nossos sentidos pêsames à sua Ex.ma Família.

* No dia 13 de Outubro faleceu no lugar Castelo o sr. José Fernandes, casado com a sr.a Maria da Conceição Abreu e pai dos srs. Francisco e José Fernandes de Abreu e das srs. Maria e Preciosa da Conceição Abreu. Sentidos pêsames à sua Ex.ma família.

Falecimento

No dia 14 de Outubro faleceu em Alge o Sr. João Tavares, de 89 anos, de idade, casado com a sr.a D. Adozinda Henriques dos Santos. Era grande proprietário e católico exemplar. Foi considerado comerciante de lanifícios, membro activo da Comissão Fabriqueira do Culto Católico e da Junta desta Freguesia. Era pai muito extremoso da sr.a D. Aura dos Santos Tavares Simões, casada com o sr. José Simões dos Santos, de Lisboa, e do Sr. Casimiro Tavares de Campos, casado com a sr.a D. Maria Eufémia Marques de Campos, de Coimbra, e avô muito querido da sr.a D. Maria Olga Ribeiro de Campos Lourenço, casada com o sr. Alvaro Alberto dos Santos Lourenço, de Lisboa, e das meninas Magda, Suzana, Fernanda Isabel.

O sr. João Tavares, pela integridade do seu carácter, lhanza do seu trato e bondade do seu coração, soube sempre impor-se a estima e consideração de todos, por isso o seu funeral constituiu uma grandiosa manifestação de pesar.

Paz à sua alma e sentidos pêsames à sua Ex.ma Família.

* O sr. Victor Manuel Reis, filho do sr. Manuel Francisco dos Santos Reis, de Lisboa, entregou-nos 50\$00 para os pobres.

Este jovem partiu há pouco tempo para Moçambique em defesa daquela nossa Província Ultramarina. Desejamos-lhe óptima viagem e feliz regresso.

* Têm passado mal de saúde a sr.a Lucinda de Jesus Godinho e o sr. José Júlio, de Campelo, aquém desejamos rápidas melhoras.

* **RELOGIO DE VILAS DE PEDRO** — Vai fazer-se propaganda no sentido de se angariarem donativos para custear a reparação do relógio da torre da Capela de Vilas de Pedro, cujo não funcionamento tanta falta tem feito.

A comissão da capela conta com a generosidade de todas as pessoas naturais dos lugares do «Ribeiro».

Casamento

No dia 9 de Setembro, realizou-se na igreja paroquial de Santiago de Almada o casamento do sr. António Lopes, filho do Sr. Manuel José Lopes e da Sr.a D. Clementina Rosa Lopes, da Ponte da Barca, com a menina Maria Helena de Abreu Rosa, filha do Sr. Américo Henriques Rosa e da Sr.a Miquelina de Abreu, de Aldeia Fundeira, desta freguesia, tendo sido padrinhos do noivo o Sr. Luís Correia Pereira, comerciante, e a sr.a D. Maria Lopes, e da noiva o sr. José Marques Alvaro, Dispenseiro da Marinha Mercante, e a sua esposa.

O «copo de água» foi oferecido no Restaurante — A «Nau», de Almada.

Ponte da Póvoa

Está a proceder-se à reparação das canalizações para fornecimento de água aos fontenários deste lugar.

Regozijamo-nos com o facto, porquanto já há muitos anos que as referidas canalizações estavam em péssimo estado, e apresentamos as nossas maiores felicitações aos habitantes daquela aldeia.

* O sr. Joaquim Manuel Casaca sofreu um grave desastre numa perna na sua residência.

* Também o sr. João Francisco dos Santos, dos Moinhos da Ribeira, foi atingido por uma ferramenta dentro de um poço, de basntate profundidade, no mesmo lugar do Casal.

AMIGOS DO «NOTÍCIAS»

Marcolino Alves Lourenço, de Lisboa, 10\$00; Manuel dos Santos Duarte, do Torgal, 10\$00; Sérgio Dias Ladeira, de Torres Vedras, 10\$00; Júlio Pancadares, de Lisboa, 20\$00; António Simões, dos Trespostos, 20\$00; Amândio da Silva Abreu, de Algés, 150\$0; Joaquim Ferreira da Silva, de Lisboa, 10\$00; Manuel da Silva Abreu, de Algés, 150\$0; José Simões dos Santos, de Lisboa, 20\$00; Armando Dias dos Santos, do Vidual, 10\$00; Rui Alves Rodrigues, das Searas, 10\$00; José Maria Relvas, 20\$00; Jaime Rodrigues Rosa, 10\$00; José Simões Costa, 12\$50; Armindo Ferreira Lourenço, 20\$00; Izidro Domingues da Conceição, 20\$00; Oscar de Jesus Covas, 10\$00; David Mendes, 10\$00, todos estes de Lisboa; Fernando Henriques Lopes, de Cacán, 20\$00; Manuel da Silva, de Lisboa, 15\$00; Joaquim Vinhas Rodrigues, de Lisboa, 10\$00; Albino Martins Ribeiro, de Almada, 15\$00; Mário Francisco Antunes, de Lisboa, 10\$00; Francisco Mendes António, do Torgal, 10\$00; José Martins Ribeiro, de Lisboa, 25\$00; José Alberto Pereira Rodrigues, de Lisboa, 10\$00; Manuel Simões Rodrigues, de Campelinho, 10\$00; Amadeu Rodrigues, de Amadora, 20\$00; Américo Dias, do Singral, 10\$00; João Simões Pereira, de Lisboa, 50\$00; Herildo Antunes Graça, do Rossio de Abrantes, 15\$00; João dos Reis de Matos, de Campelo, 10\$00; Albano da Graça Santos, de Vilas de Pedro, 10\$00; Casimiro Rodrigues, da Eibeira Velha, 10\$00; Augusto Dias Alves, do Fontão Fundeiro, 10\$00; Júlio Augusto de Azevedo, de Lisboa, 20\$00; Joaquim Marçal, do Casalinho, 20\$; Manuel Henriques Calçada, do Fontão, 10\$00; José Lourenço, do Cartaxo, 20\$00; José Marçal, do Casalinho, 20\$00; Virgílio Henriques de Abreu, de Cernache do Bonjardim, 15\$00; José Mendes, do Casalinho, 10\$00; José Nunes dos Santos, de Lisboa, 12\$50; José Ferreira, do Fontão, 10\$00; Jaime Simões, de Lisboa, 10\$00; Manuel Simões Ferreira, do Vale do Vicente, 10\$00; Celestino Arinto Simões, de Lisboa, 20\$00; Manuel Pereira, dos Fetais Cimeiros, 10\$00; José Alves João, de Lisboa, 10\$00; José João, das Bajancas Fundeiras, 12\$50; Alfredo

Domingos, de Lisboa, 10\$00; Adeline Antunes, das Bajancas Fundeiras, 10\$00; Mário Henriques dos Santos, de Lisboa, 10\$00; Vitorino Mendes Lucas, de Coruche, 20\$00; José Antunes Branco, de Lisboa, 20\$00; Joaquim dos Santos Simões, da Amadora, 10\$00; Manuel Vinhas, da Póvoa, 10\$00; D. Lucinda Maria Henriques, de Queluz, 20\$00; Manuel Nazário dos Santos, de São Paulo (Brasil), 20\$00; Maviel de Jesus Gomes, de Lisboa, 20\$00. Muito obrigado.

VISITAS

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia os Ex.mos. Srs.:

Manuel dos Santos Martins, esposa e filho, José dos Suntos, José Henriques de Campos, esposa e filho, Manuel da Silva Simões Ribeiro e esposa, Porfírio Alves Lourenço, esposa e filhos, Armando Ferreira Lourenço, esposa e filho, Manuel da Conceição Rodrigues, esposa e filha, Celestino Arinto Simões, esposa, filha e sogra, António Rodrigues Lourenço e filha, Alfredo Lourenço, esposa e filhos, José Simões Costa esposa e sobrinha Maria Isabel, Carlos Antunes Fernandes e filha, Jaime Rodrigues Rosa, D. Maria de Lurdes dos Santos Martins Arinto e filha, Isidro Domingos da Conceição, esposa e filho, Manuel Mendes Bouça, D. Aurora Lucas Prior Costa, D. Helena Lucas Prior Costa, e filha, D. Lucinda da Silva Pereira e filha, D. Pombela Pereira Moraes Costa, filha e neto, Américo Martins Coimbra e esposa, Mário Simões Pereira esposa e filha, Mário Nunes e esposa, Manuel Mendes e esposa, José Júlio e esposa, Manuel Simões Branco e esposa, Joaquim Vinhas Rodrigues, Joaquim dos Santos Ladeira, Arlindo Olves Vinhas e esposa, Mário Francisco Antunes e esposa, Eduardo Rosinha, esposa e filhos, José Martins Ribeiro e esposa, Fernando da Piedade Júlio, Joaquim Simões Nunes e esposa, Mário Henriques dos Santos, João Simões Pereira, Américo Dias, Manuel Henriques Marques, Mário Marques Varandas, Manuel Francisco dos Santos Reis, esposa e filhos, Manuel da Silva esposa e filho, Teófilo de Jesus Martinho, Manuel Martinho dos Santos, Alfredo Domingos e esposa, Jaime Simões, José Antunes Branco, esposa e filha, todos de Lisboa, D. Lucinda Maria Henriques nora e neto, de Queluz, Aurelindo Neto Lopes esposa e filho, de Coimbra, Vitorina Mendes Lucas, de Coruche, Virgílio Henriques de Abreu e esposa, de Cernache do Bonjardim, Herildo Antunes Graça, do Rossio de Abrantes, Amadeu Rodrigues, da Amadora, Joaquim Francisco, de Rio Maior, Sérgio Dias Ladeira e esposa, de Torres Vedras.

Clinica Dentária

A Sr.a Dr.a D. Maria Amélia dos Santos Alves, dedicada esposa do Sr. Dr. Manuel Alves da Piedade, distinto médico em Figueiró dos Vinhos, abriu um consultório dentário na sua residência naquela vila.

O «Notícias de Campelo» apresenta a Sua Ex.a as maiores felicitações e votos sinceros das maiores prosperidades.

Basta ou não?

— Não faço mal a ninguém.
— Não basta: É preciso fazer o Bem.

*

— Eu faço o Bem.
— Não basta: É preciso que o Bem seja bem feito!

*

— Eu cá tenho a minha Religião.
— Não basta: É preciso mostrá-la. Cristo afirmou: — Quem se envergonhar de Mim diante dos homens, Eu também Me envergonharei dele diante de meu Pai que está nos Céus! (Mat. X, 33).

*

— Eu pago o salário justo aos operários.
— Não basta: É preciso que vejas nos teus operários nem máquinas, nem animais, nem uma casta inferior, mas sim irmãos teus!

*

— Eu sigo a Fé dos meus pais, a religião tradicional no país.
— Não basta: É preciso que a tua fé seja, não de tradição, mas de convicção.

*

— Eu não mato nem roubo.
— Não basta: Os mandamentos da Lei de Deus são dez, e os da Santa Igreja são cinco. Não são só dois!

*

— Tenho bons propósitos e planos, boas intenções, e boas leis.
— Não basta: É preciso cumpri-los.

*

— Eu creio em Deus.
— Não basta: «A Fé sem obras é morta!» (Tiago, II, 20).

*

— Eu dou esmolas aos pobres.
— Não basta: É preciso dá-las com amor, com bondade, sem vaidade!

*

— Eu mando os filhos rezar e ir à missa.
— Não basta: É preciso dar o exemplo!

*

— Eu ajudo a boa imprensa.
— Não basta: É preciso que não ajudes também a imprensa ímpia e corruptora!

— Eu tenho em minha casa o Crucifixo e quadros religiosos.
— Não basta: É preciso que não ostentes ao seu lado calendários e quadros pornográficos.

*

— Eu acendo velas aos santos.
— Não basta: É preciso que não acendas também ao diabo. Cristo disse: — «Ninguém pode servir a dois senhores!» (Mat. VI, 24)!

*

— Eu trabalho em obras católicas.
— Não basta: É preciso que não destruas com os escândalos das tuas conversas, divertimentos e modas, o apostolado das tuas palavras!

*

— Eu amo a Deus.
— Não basta: É preciso amar também o próximo!

*

— Eu trago o meu Terço no bolso.
— Não basta: Como devoto da Santíssima Virgem Mãe de Deus, para merecerdes a sua protecção especialíssima e poderosíssima, deves rezá-lo todos os dias!

*

— Eu falo sobre assuntos religiosos, políticos, sociais, familiares, etc.
— Não basta falar: É preciso saber o que se diz!

*

— Tenho devoção aos santos. Nas suas festas, deito foguetes e vou de opa na procissão!
— Não basta: A verdadeira devoção, de agrado para eles, e de utilidade para ti, consiste em conhecer as suas virtudes e imitá-las!

Cadeias de Orações

«Por mais que se explique, não há maneira de certa gente entender as coisas e tomar juízo. É o caso das chamadas «cadeias de orações» com promessas de grandes favores, e não sei que mais; a quem as não interromper e propagar! Mais uma vez se advertem as pessoas de bom senso de que não devem dar crédito a tais «cadeias». Destruam os postais ou cartas que lhes chegarem às mãos.

Agora, surgiram as «cadeias de Orações das Irmãs Franciscanas da Fátima», que, reparem bem, nem sequer existem!...

Aqui fica o aviso para os pessoas de bem.

(Da «Voz da Fátima»)

Nascimentos

No dia 24 de Julho, na Clínica de Santa Teresa deu à luz uma robusta criança do sexo masculino, a quem foi dado o nome de Pedro Alexandre, a Sr.a D. Maria Helena da Encarnação Pereira Falcão Correia, esposa do Sr. Dr. Amadeu Falcão Correia, médico em Alferrade.

A Sr.a D. Maria Helena é filha do Sr. Américo Pereira Henriques, do Fontão Fundeiro e da Sr.a D. Maria da Encarnação Pereira, da Serada desta freguesia.

Em Paço de Arcos deu à luz uma linda menina a Sr.a D. Cândida dos Anjos, dedicada esposa do Sr. Carlos Alberto Simões Júlio, distinto sargento do nosso Exército.

Os nossos sinceros parabéns.

— Eu rezo o Credo e acredito nas suas verdades.

— Não basta: É preciso que a tua religião seja de Credo e de Mandamentos!

*

— Quero salvar-me.

— Não basta: Deves querer também salvar os outros, e fazer alguma coisa por isso. A Caridade dum católico deve ter por horizonte a humanidade inteira!

(Do Jornal «Voz de Penela»)

Moeda que não passa

É fácil verificar a corrupção dos valores. Os valores reduzem-se a nada quando deixam de corresponder às exigências sociais que os criam. As crianças são, entre nós, valores humanos a fazer frutificar dando-lhes condições de vida indispensáveis ao seu desenvolvimento físico e intelectual. O homem espírito, o homem acção, o homem estado são formas por onde podemos avaliar as pessoas para as classificar na estrutura social, mas nunca uma coisa que se possa transacionar por dinheiro como um valor sem alma...

O dinheiro perante a pessoa humana é uma tentação a vencer e nunca um valor a pesar e a determinar situações infinitamente distantes.

O conflito criado entre a dignidade do dinheiro e a dignidade da pessoa humana está expresso no Evangelho que pergunta: Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

Ilusão, loucura, passos errados ou tempo perdido? Que distância entre o dinheiro e a eternidade!

Moeda falsa para o outro mundo, moeda que o rico avarento do Evangelho amontou para a sua condenação.

Tanta grandeza que se vê e tanta miséria nos corações presos ao dinheiro faltando à justiça, à verdade e ao respeito do seu semelhante.

Crimes, roubos, guerras e conflitos.

Temos de criar um mundo novo libertando o homem do apego ao dinheiro, dando ao espírito a beleza da caridade. Eis o que valoriza a vida e as pessoas.

(De «O Colonizador»)

Quadra

Nunca da gente se esquece
O mal, que tam breve vem,
Tão grande o tempo parece
Quando se espera algum bem.

Há três obstinações invencíveis: a dos príncipes, e das crianças e a das mulheres.



Já não nos podemos fiar em ninguém. Imagina tu que o meu merceiro me deu esta manhã no troco uma moeda de 500 falsa.

— Deixa-me vê-la.

— Já a cá não tenho. Passeia ao sacristão quando tirei as Bulas na Sacristia.

Na Escola

— Menino, diga os tempos do verbo andar:

— Eu ando, tua andas, ele anda, nós...

— Mais depressa.

— Eu corro, tu corres, ele corre, etc...

Pintura

— Porque te pintaste maezinha?

— Para ficar mais bonita.

— Que pena! Não serviu de nada!

*

A um rapaz que guardava cabras, perguntou um viajante:

— Aonde vai ter este caminho?

— Não vai para lado nenhum, está parado.

— Como te chamas?

— Eu não me chamo, chamam-me...

Zangado com tais respostas, despediu-se do rapaz, dizendo-lhe:

— Adeus filho do diabo...

— Adeus meu pai...

Um turista

— Porque andam descalças todas as crianças cá da terra?

— Já nascem assim.

Boa ideia

Duas amigas encontraram-se na Avenida.

— Mas que ideia é essa de saíres para a rua, com um relógio de parede?

— É para envergonhar o meu marido que não me quer dar um relógio de pulso.

*

Passando por uma rua do Porto, deu um sacerdote com um borracho, deitado ao longo da valeta.

Abaixando-se para socorrer o desgraçado, exclamou repetidamente:

— «Que miséria! Que miséria!»

Responde o bêbado:

— «Não é miséria, não senhor, é fartura».

*

Adivinha

Filho de água, morre a mãe

Quando o filho aparece.

ve o filho deixa este mundo

A mãe logo revivesce.

Solução da adivinha anterior: *alho*.

— Deus nos dê muito boas tardes, compadre Zeferino!

Como está?... Passou bem?

— Cá vou indo na forma do costume. E lá por casa? está tudo rijo?

— Anda tudo farto de calor!... isto é que tem sido um verão!...

— É verdade!... mas quando as coisas correm como Deus quer vai tudo bem. Ainda assim, não devemos desanimar. Deus sabe melhor do que nós o que nos é preciso, e umas provações de vez em quando também fazem bem.

Então, que novidades há?

— As novidades são poucas ou nenhuma. Corre tudo mais ou menos na forma do costume. Continua a fuga para a França e a crise de pessoal cá pelo povoado. Não sei que mistério é este. Antigamente era raro sair alguém da Terra, a não ser para a Borda d'Água, e se algum mais aventureiro se resolvia a ir até ós Brásis, passados dois ou três anos cá estava outra vez a bater à porta da sua casinha, com uma boa corrente de ouro ao peito, um alfinete na gravata, um bigode ramalhudo e meia dúzia de contos na carteira, um fato claro, um lenço de seda ao pescoço, uma linguagem um (puquito à moda di lá), e mias nãda, a não ser uma série de facas, garfos e colheres apanhadas por lá nos caixotes do lixo e uns postais ilustrados com uns brilhantesinhos a luzir para destacar mais a porcaria da figura. Agora o caso mudou muito. É o contrário. Ficam em casa tantos como antigamente saíam, e fogem do lar tantos como os que nos outros tempos por aqui andavam.

— Meu amigo, são exigências da vida. Você não vê as dificul-



dades que por aqui há? A vida é cada vez mais cara, e os rendimentos são cada vez menos, além disso, o nosso povo está muito mais exigente. Antigamente todos se governavam da terra, mas agora poucos querem passar a vida a destorrear. Para acompanhar o progresso é preciso estudar, arranjar um melhor meio de vida, um bom emprego, ou amealhar uns bons pares de contos para educar os filhos. Tudo fuge das terras porque isto de terrenos... foi chão que deu uvas; agora só dá espinhos

Noutros tempos eu via na taberna do Baêta os lavradores e os negociantes, já quentes com a pinga, a desafiarem se uns aos outros, aqueles com alqueires de milho e estes com notas de conto. Agora anda tudo calado. O milho não dá para o amanhã, e o negócio está muito repartido. Quando antigamente cá na aldeia havia só um tasco e dois ou três negociantes de gado, agora há uma taberna para vinte casas. Quer dizer, tendo o nosso lugar um cento de casas, temos cá cinco tabernas... até ver!

Quando antigamente o nosso povo passava por aí fora para a Ribeira, regar as cearas ou fazer as sementeiras, fazia de contas que ia para uma festa, e contentava-se com esta vida pacata. Agora, qualquer jornaleiro vai fazer a sua excursão por terras distantes, durante três ou quatro dias, e não dispensa o espectáculo de uma tourada, na Figueira ou em qualquer outra parte.

Os tempos mudaram!

— Pois mudaram, mas olhe que não sei se valeria mais passar vida pacata como nos nossos tempos de mocidade!

— Qual quê?!... O homem não é nenhum bicho embalsamado para estar sempre na mesma!... a vida é movimento; é preciso correr mundo, aprender

cima sem estar a gelar umas horas à espera, cunha para se ir a salto para França, cunha para se arranjar uma casa de aluguer, cunha para se não pagar uma multa, cunha para se cravar um sujeito de quem a gente não gosta, etc. E olhe que estas cunhas todas custam bom dinheiro. Ainda assim, as cunhas mais baratas são as que se arranjam par'fir para o céu, mas por serem baratas nem por isso são muito procuradas.

— O quê?!... não me diga que até para ir para o céu é preciso cunhas!...

— Olá se é!... Você não pede todos os dias aos Santos que o ajudem a cumprir os seus deveres? Para ir para o céu é preciso meter cunhas aos santos, mas estas são gratuitas, a não ser que nós queiramos dar alguma coisa não para os santos, porque eles não precisam disso, mas para as obras boas que revertem a favor dos outros.

Como vê, neste vale de lágrimas, em que nem há paz nem sossego, neste mundo tão perturbado, em que todos lutam por dias melhores, não podemos levar a mal que cada um se safe conforme puder, ou com cunhas ou sem cunhas!

Olhe, e já que vem a propósito, eu queria pedir-lhe um favorzinho: Se o compadre pudesse, como sabe que eu mal posso sair de casa, por causa do reumatismo...

— Ó compadre diga lá! estou às suas ordens!

— Pois bem, eu pedia-lhe o favor de ver se me conseguia pir lá um bacalhausito, para eu comer com umas batatas. Se não terei de comer as batatas sem conduto.

— Está bem... eu vou fazer os possíveis.

— Então veja lá, e... Até à volta.

— Adeus, meu querido compadre...

...Mas onde raio é que eu hei-de ir agora arranjar o bacalhau para o homem?... só com uma valente cunha!

Do Jornal «LUZ».

O ZEFERINO E O LUCAS

coisas, ganhar dinheiro sem perder a vergonha e a educação, arranjar um emprego, mesmo que seja preciso uma boa cunha.

De cunhas;... aí está uma coisa que eu não entendo. Para tudo é preciso cunhas! isto não está bem. Eu cá por mim entendo que quem chega primeiro ou tem mais necessidade é que devia ser atendido.

— Ó homem, a cunha é tão velha como a pedra lascada... tem milhares de anos. Em todos os tempos ouve cunhas. Agora nota-se mais isso, porque o povo é muito, e, como diz o nosso povo, «quem não tem padrinho, morre moiro». Hoje é preciso cunha para se aprender a sapatiteiro, cunha para passar um aluno no exame, cunha para se arranjar um lugar na camioneta, cunha para se passar um atestado, cunha para pagar a dé-